

**ANÁLISE DA OBRA “A VERDADEIRA HISTÓRIA
DOS TRÊS PORQUINHOS”**

Danilo Caldeira (UFF)

[danilocaldeira1999@gmail.com](mailto:danielocaldeira1999@gmail.com)

Dennis Castanheira (UFF)

denniscastanheira@gmail.com.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a obra “A verdadeira história dos três porquinhos”, que conta a clássica história em primeira pessoa na perspectiva do Lobo Mau, renomeado como Alex T. Lobo. O livro foi publicado em 1989 por Jon Scieszka e ilustrado por Lane Smith. Já sua tradução para o português foi feita por Pedro Maia e publicada pela Companhia das Letrinhas. Na obra, Alex T. Lobo narra a sua versão dos fatos, que se diferencia bastante das versões conhecidas pela maior parte dos potenciais leitores. Para que essa análise fosse feita, recorreremos, metodologicamente, a uma abordagem qualitativa empírica e, como embasamento teórico, aos estudos de Literatura Infantil e Juvenil, sobretudo Lajolo e Zilberman (1985) e Zilberman (2014). Na análise, consideramos a construção da história ligada aos elementos linguísticos e às ilustrações e constatamos que a narrativa é tecida pela reconstrução dos sentidos e pelo entrelaçamento entre o verbal e o não verbal.

Palavras-chave:

Narrativa. Lobo mau. Literatura Infantil e Juvenil.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar la obra “A verdadeira história dos três porquinhos” (“La verdadera historia de los tres cerditos”), que narra la clásica historia en primera persona desde la perspectiva del Lobo Feroz, rebautizado como Alex T. Lobo. El libro fue publicado en 1989 por Jon Scieszka e ilustrado por Lane Smith. Su traducción al portugués fue realizada por Pedro Maia y publicada por Companhia das Letrinhas. En la obra, Alex T. Lobo narra su versión de los hechos, que difiere mucho de las versiones conocidas por la mayoría de lectores potenciales. Para realizar este análisis se recurrió, metodológicamente, a un enfoque empírico cualitativo y, como base teórica, a estudios de Literatura Infantil y Juvenil, especialmente a Lajolo y Zilberman (1985) y Zilberman (2014). En el análisis, consideramos la construcción del relato vinculada a elementos lingüísticos e ilustraciones y encontramos que la narrativa se teje por la reconstrucción de significados y por el entrelazamiento entre lo verbal y lo no verbal.

Palabras clave:

Narrativa. Lobo malo. Literatura Infantil y Juvenil.

1. Introdução

É possível afirmar que a Literatura Infantil e Juvenil tem um papel fundamental no progresso e no desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, pois contribui para o crescimento intelectual e do conhecimento do mundo do leitor. Essa temática costuma ser fundamental para fazer com que as crianças tenham o primeiro contato com um texto, compreendendo o enredo por meio da escrita e das ilustrações, sejam essas mais lúdicas ou mais voltadas para as críticas sociais.

A leitura de um livro infantil ou juvenil possibilita o desenvolvimento da imaginação do leitor, fazendo com que ele seja capaz de dialogar sobre a obra que acabou de ler e fazer perguntas. Isso independe, por exemplo, de ser um texto em que haja apenas ilustrações. Com isso, há uma ampliação de vocabulário, pois, pelo ato de ler, a criança tem o contato com novas palavras e aperfeiçoa a sua linguagem, aprimorando o seu vocabulário. No processo da leitura, a criança é guiada a desenvolver a sua capacidade de imaginar a história que está sendo contada, pois o texto tem enfoque nos mundos imaginários fabulistas, o que faz com que compreenda a narrativa e também crie a sua versão sobre os fatos narrados na obra.

Nesse sentido, as ilustrações nos livros infantis têm uma importância bem maior do que apenas decorar o texto. Segundo Cunha (2009), são essenciais para atrair a atenção das crianças, pois despertam a sua imaginação e ajudam a compreender a história. De acordo com Lajolo e Zilberman (1985), as imagens nos livros infantis ajudam a identificar os personagens e visualizar o cenário. Elas estimulam não apenas a leitura, mas também a capacidade de associação de ideias de percepção visual. Durante a leitura imagética, o leitor usa a imaginação, e isso o ajuda no seu desenvolvimento emocional, fazendo com que a leitura seja prazerosa e detalhada. A história se torna mais coesa quando há ilustrações que apresentam os personagens e os cenários, pois há a oportunidade de compreender a narrativa de maneira mais completa.

Além disso, conforme Castanheira (2023), diversas obras da Literatura Infantil e Juvenil fazem a intertextualidade com outras, o que faz com que o leitor use o seu conhecimento de mundo realizando conexões entre diferentes histórias. Neste trabalho, nosso objetivo é analisar a obra “A verdadeira história dos três porquinhos”, que evidencia que nem tudo é o que parece. O lobo mau, geralmente retratado como o vilão em diversos contos de fadas, assume o papel de narrador e tenta justificar suas ações,

alegando não ser tão malvado como foi retratado. Ao longo da história, ele destaca como se sentiu mal compreendido e como sua reputação foi prejudicada.

Essa mensagem inspira a questionar as histórias e os estereótipos estabelecidos pela sociedade sobre a aparência do que é considerado bom e mau e também a olhar além do que nos é apresentado inicialmente. O livro nos convida, então, a avaliar diferentes pontos de vista, entender a complexidade das situações e a não julgar uma pessoa ou personagem apenas com base em estereótipos pré-estabelecidos.

2. *Literatura Infantil e Juvenil*

A Literatura Infantil e Juvenil é uma área de estudos ainda pouco valorizada e frequentemente considerada menos importante por investigadores diversos. Esse preconceito está diretamente relacionado a áreas de pesquisa que envolvem rótulos que fogem ao padrão vigente e que são, por esse e por outros fatores, subjugadas.

Contudo, são crescentes os trabalhos recentes que se debruçam sobre a análise de obras para crianças e jovens e também são cada vez mais frequentes as propostas pedagógicas voltadas para tal Literatura, como evidenciam as discussões de Dias, Andrade e Monteiro (2017) e Castanheira (2023).

A Literatura Infantil e Juvenil é extremamente necessária na formação do leitor. Por meio do contato com essa temática, o leitor tem a oportunidade de conhecer as obras nacionais e internacionais escritas e ilustradas com detalhes ricos e com entendimento associado à apresentação do enredo e dos personagens, pois utiliza uma linguagem coesa que aprimora o seu vocabulário, sendo fundamental para o seu processo de leitura e escrita. Amplia, ainda, o seu conhecimento de mundo por meio de discussões críticas sobre diversos tópicos sociais.

Conforme Lajolo e Zilberman (1985) e Zilberman (2014), Monteiro Lobato foi um dos pioneiros da Literatura Infantil e Juvenil no Brasil, já que, antes dele, quase não havia efetivamente produções brasileiras nesse âmbito. Além disso, o autor propunha a rebeldia, o questionamento das ideias já estabelecidas e também tinha um compromisso com o progresso social e econômico.

Como fica evidente nos estudos históricos sobre o tema, Lobato, além de escrever obras sobre o cotidiano nacional, também foi um grande tradutor de obras infantis estrangeiras, como, por exemplo, os livros de Hans Christian Andersen. Além disso, as crianças se reconheciam nos personagens de suas obras. A obra “Picapau Amarelo” foi escrita em 1939, com um enredo sobre a vida no campo, com lendas folclóricas e gregas em uma narrativa que foi adaptada e se popularizou de maneira muito forte ao longo das décadas seguintes.

Ainda historicamente, é importante destacar que os anos seguintes foram de grande importância para o progresso da Literatura Infantil no Brasil, já que, nessa época, surgiram instituições e programas voltados para a Literatura Infantil com enfoque na leitura, dentre os quais a Fundação do Livro Escolar, a Fundação Nacional do Livro Infantil e a Fundação Nacional do Livro Infante-Juvenil.

Segundo Lajolo e Zilberman (1985), a Literatura também foi utilizada como forma de protesto nos anos 1960, pois havia poemas que denunciavam o latifúndio, a fome e o imperialismo, eles eram veiculados nas analogias Violão de Rua: eram livros pequenos e baratos que alertavam o povo sobre as mazelas sociais predominantes naqueles momentos. Os principais nomes das obras eram “O que é reforma agrária” e “Quem é o povo brasileiro”.

As obras infantis também eram escritas em tom de protesto, pois até os anos 1950, o Brasil rural era extremamente elogiado nas histórias infantis, mas, na década de 1960, ocorreu a contrapartida e a exaltação à vida urbana. Segundo as autoras, no livro “As aventuras do escoteiro Bila”, de Odette de Barros Mott, o protagonista migra do campo para a cidade com sua família. Dando a entender que a vida no campo já não era mais tão positiva assim e a cidade seria melhor. Durante os anos 1960, a escritora Isa Silveira incorporou a vida urbana em suas obras focadas ao público jovem, porém a vida na cidade que ela apresentava nas criações era lúdica, por meio de uma visão otimista da vida urbana brasileira.

Outro ponto destacado por Lajolo e Zilberman (1985) é que a valorização da Literatura Infantil nas escolas favorecia os meios de circulação das obras, pois assim se tornaram mais conhecidas, o que ajudava no crescimento de novas livrarias dessa temática, fazendo com que ocorressem visitas de escritores famosos em escolas e livrarias para dialogar com o público infantil utilizando o debate e palestras.

As autoras apontam que o Brasil iniciou a década de 1970 dando o procedimento à execução de acordos feitos com órgãos internacionais em nome do desenvolvimento. Uma das áreas que mais sofreu com os acordos foi a educação, pois o novo modelo de ensino era extremamente burocrático formando técnicos de nível médio. Com isso, ocorreu uma grande desigualdade na desvalorização do ensino público.

Durante a década de 1970, porém, o Instituto Nacional do Livro começou uma mobilização de coedição, dando o prestígio às obras infantis e juvenis por meio de convênios. Esse investimento do Estado foi necessário para a produção de textos voltados para a comunidade escolar, principalmente pelo fato de a mobilização ter gerado a inclusão de livros dirigidos à escola, com instruções, sugestões e didáticas. O avanço foi tão positivo que vários escritores passaram a fazer visitas nas escolas para dialogar com os alunos sobre as obras.

Além disso, o sucesso de vendas no mercado editorial para jovens devido à importação de histórias policiais e científicas norte-americanas fez com que o público se interessasse por obras de ficção científica que naquele momento estavam com bastante força no Brasil. Pelo fato de a Literatura Infantil da ficção ter sido tão bem aceita, outras obras surgiram com essa temática. Segundo Lajolo e Zilberman (1985), os primeiros livros dessa temática foram “A vaca voadora”, de 1972, “O gênio do crime”, “Caneco de Prata” e “O fantástico homem do metrô”. Em todas essas obras, os personagens mais novos ganhavam o protagonismo guiando, assim, a história.

Nas décadas seguintes, conforme Zilberman (2014), são publicadas várias obras relevantes que marcam uma produção literária brasileira para o público infantil e juvenil muito mais evidente, o que se deve também a questões de mercado e a iniciativas governamentais que impulsionam o processo.

Indo além de aspectos históricos, outro ponto essencial é que as obras de Literatura Infantil e Juvenil frequentemente são calcadas em diálogos intertextuais com outras narrativas clássicas ou contemporâneas. Como evidencia Castanheira (2023), isso pode ser observado na coleção “Que história é essa?”, de Flavio de Souza, que é constrói toda sua estrutura na relação com histórias conhecidas do grande público (“A Bela Adormecida”, “Pinóquio”, “Chapeuzinho Vermelho”, etc.).

Muitas outras obras contemporâneas brasileiras são construídas de modo intertextual, dentre as quais se destacam “O Fantástico Mistério de

Feiurinha”, “A princesa que escolhia”, “Uma professora muito maluquina” e “Pinóquia”. Ou seja, essa é uma tendência bastante evidente que pode envolver questões literárias e mercadológicas, já que, com isso, é possível atingir, com mais facilidade, diferentes públicos que já tenham lido ou conheçam as histórias de referência, por exemplo.

Isso se evidencia nessas obras não apenas pela leitura do material verbal, mas também da análise das ilustrações, que, em livros ilustrados, têm papel essencial para a construção de sentidos.

Charréu (2012), nesse âmbito, defende que o contato com a Literatura na infância é essencial para a experiência e para a formação leitora, bem como para a construção subjetiva da criança. Além disso, o autor demonstra que uma boa ilustração é relevante para ampliação dos efeitos e dos impactos da narrativa, da história contada. Para Charréu (2012), a arte visual contemporânea também envolve muita hibridez, diversidade e complexidade e, por isso, há inúmeros aspectos a serem considerados.

Ou seja, não basta apenas haver imagens em um livro para que esse seja considerado ilustrado ou bem ilustrado. É preciso que essas ilustrações sejam de qualidade e dialoguem com o que está sendo construído na história, não sendo meros enfeites para o dito ou apenas uma demonstração repetitiva do que está sendo escrito. Na verdade, essas devem ter seu próprio papel que, em relação com o material linguístico, atua na construção da obra.

Dessa forma, é perceptível que distintos processos foram necessários para a importância da Literatura Infantil e Juvenil no Brasil e também para o que ela se tornou nos dias atuais, pois é uma das principais literaturas que têm o enfoque de dialogar com o conhecimento de mundo do público infantil. Além disso, faz com que eles aprendam a utilizar a linguagem necessária e também a imaginar o enredo da história, o que, em boas obras, ocorre pelos aspectos verbais e pelas ilustrações.

3. Análise

Nesta seção, discutiremos, por meio de uma metodologia qualitativa empírica e de análise detalhada, a obra “A verdadeira história dos Três Porquinhos”, de 1989, que foi escrita por Jon Scieszka e ilustrada por Lane Smith. No Brasil, foi traduzida por Pedro Maia e publicada pela Companhia das Letrinhas. O livro é uma recontagem do clássico infantil “Os Três Porquinhos”, popularizado pelo conto de Joseph Jacobs e pela adaptação

dos estúdios de Walt Disney. Na obra, os leitores conhecem outra versão – agora na visão do lobo mau. Ao invés da versão tradicional em que o Lobo é retratado como um vilão artiloso, feroz, peludo e feio que utiliza a sabedoria para enganar os porquinhos bons e indefesos com o objetivo de devorá-los, neste livro ele se apresenta como um personagem incompreendido e vítima de circunstâncias infelizes. Segundo o Lobo, ele só precisava de uma xícara de açúcar emprestada para fazer um bolo de aniversário para a querida vovó.

O livro inova ao apresentar a história sob a perspectiva do Lobo, dando-lhe a oportunidade de contar sua versão dos fatos. O lobo se apresenta como Alexandre T. Lobo, sendo apelidado de Alex, e dizendo que não é um lobo qualquer. Ao longo da história, o leitor é levado a refletir para além da versão tradicional, questionando os estereótipos e considerando diferentes pontos de vista. Para isso, são usados alguns recursos – o lobo Alex tem traços de intelectual, utiliza óculos e uma camisa listrada e se comunica com o leitor de maneira clara, construindo uma imagem de alguém culto.

A narrativa de Alex T. Lobo permite a empatia com um personagem que geralmente é retratado como malvado e cruel nos contos de fadas. Ele tem a oportunidade de contar sua versão da história e expressar suas motivações, o que nos leva a entender seus pontos de vista e seus sentimentos. Essa narração também contribui para a construção do suspense e do clima de mistério no livro.

Na história tradicional, cada porquinho tinha um nome e uma característica. No entanto, na história contada por Alex, o Lobo, não são apresentados os seus nomes, fazendo com que o leitor imagine que a proximidade entre eles era pequena e também desfocalizando a narrativa dos porquinhos, o que é essencial para centralizar as reflexões em relação a Alex T. Lobo.

A maneira com que cada porquinho construiu sua própria casa é um ponto relevante, já que o uso de diferentes materiais foi crucial para determinar o destino de cada um, segundo as análises de julgamento do Lobo, que também julgava a sabedoria de cada um deles segundo a moradia.

Quando Alex T. Lobo sai para pegar uma xícara de açúcar nas casas dos seus vizinhos porquinhos, as casas são postas à prova. Nessa parte, o livro apresenta o lobo mau caminhando por uma estrada feita de areia, o que causa dúvidas ao leitor, pois não faz sentido o lobo ser vizinho dos porquinhos e a residência do primeiro ser tão longe. Alex T. Lobo chega

até a casa do primeiro porquinho, bate na porta e é recebido com silêncio. Ele diz que o nariz começou a coçar devido ao resfriado e acabou causando a destruição da casa de palha que desmoronou completamente causando a morte do porquinho.

Após devorar o primeiro irmão, ele caminha até a casa do segundo, que possui uma casa feita de lenha, que segundo o lobo era um pouco mais inteligente. Ao chamar o porco, ele se diz ocupado para atendê-lo e pede para ir embora. Alex sente novamente vontade de espirrar e acaba espirrando causando a morte de mais um. Na residência do último irmão, considerado o mais inteligente de todos, o lobo é extremamente mal-recebido e têm até a sua avó xingada, o que lhe causa a irá. Alex T. Lobo mata colocando a culpa no espirro, mas o leitor consegue perceber, graças às ilustrações, que em nenhum momento o Lobo tenta virar o rosto para não espirrar na direção das casas. Diferentemente da história tradicional, os porquinhos não vão se refugiar na casa do irmão mais inteligente, visto que Alex devora usando a justificativa de que é contra o desperdício.

Destacamos, ainda, que o lobo dialoga com o leitor dizendo que não há motivos para ser julgado como mau, dado que a grande maioria dos seres humanos comem hambúrguer e outras carnes. O lobo, para fazer uma conexão direta com o leitor, utiliza o pronome “você”, fazendo com que haja a interação em forma de diálogo. Quando Alex se dirige ao leitor dessa maneira, ele o coloca em situação de semelhança, fazendo com que se reconheça em um personagem considerado o vilão de diversos contos.

É interessante quando um texto dialoga com o leitor dessa forma, pois faz com que haja reflexão do leitor se ele seria bom ou mau, já que, na maioria dos contos de fadas, o protagonista é um personagem considerado perfeito. Já no livro “A verdadeira história dos três porquinhos”, o leitor percebe que Alex T. Lobo é falho e no diálogo ele as compara com as atitudes que o leitor considera corretas em suas vidas, mas o tratam como mau quando leem. Essa é uma forma de o lobo buscar a redenção, já que, segundo ele, todas essas histórias sobre lobos foram mal contadas e por serem apresentadas pelos protagonistas, eles sempre tiveram o destino de vilão.

Ao final da história, Alex T. Lobo é capturado e levado a julgamento. Nessa parte, são apresentados os argumentos da defesa e da acusação, possibilitando ao leitor refletir sobre a questão da responsabilidade e da culpa, além de questionar a veracidade das histórias tradicionais. Cabe ao leitor refletir se ele é culpado ou não.

Além disso, destacamos que as ilustrações desempenham um papel crucial no livro “A verdadeira história dos três porquinhos”. Essas complementam e enriquecem a narrativa, gerando uma experiência mais visual e envolvente para os leitores e possibilitando a análise das atitudes do Lobo. Isso facilita a conexão emocional com os personagens, tornando a história mais cativante e permitindo que os leitores se identifiquem com eles. Alex T. Lobo, durante a história, diz que prefere comer outros alimentos e, graças à imagem, é possível ver que ele gosta de coelhos, ovos e hambúrguer. Nesse momento, o lobo volta a dialogar com o leitor utilizando do artifício da alimentação. O lobo diz que não há motivos para ser julgado como mau, sendo que a maioria dos seres humanos comem carnes de animais e se consideram bons. Nesse momento, o lobo diz que essa é a alimentação dos lobos, fazendo assim a intertextualidade com os outros contos de fadas que apresentam o lobo como o vilão pelo fato de sentir prazer em comer carne.

As ilustrações também descrevem detalhadamente as diferentes casas construídas pelos porquinhos. As imagens mostram as características de cada uma delas, como a palha, a madeira e a pedra, o que ajuda a enfatizar a importância das escolhas dos personagens e ilustra como a segurança das casas varia e apresentando o motivo que todas eram consideradas fracas.

As imagens retratam, ainda, as expressões faciais das personagens, permitindo que os leitores entendam suas emoções e sentimentos ao longo da história. Nelas, é possível analisar o Lobo dando o espirro que causou a destruição da casa dos porcos, e também é visível que o porco apresentado não era simpático como a história tradicional conta.

Assim, as ilustrações podem conter elementos visuais adicionais, como roupas, cenários e objetos, que enriquecem a história e contribuem para a compreensão dos acontecimentos. Essas têm riquezas de detalhes, pois, além de fazer uma conexão com o leitor, possibilita ter uma noção das atitudes do lobo, analisando os seus atos em cada página possibilitando uma comunicação imagética dos fatos narrados.

Uma das partes mais interessantes na obra é a predominância intertextual que ela aborda com outras histórias que têm o lobo mau como antagonista. O protagonismo de Alex T. Lobo é uma forma de enriquecer a leitura, aguçar a imaginação e o pensamento crítico dos leitores. No momento em que Alex diz que ele não é estereótipo do lobo que conhecem da história tradicional, ele faz com que o conhecimento de mundo do leitor

seja guiado para análise de outros contos de forma direta em que o Lobo se faz presente.

O processo intertextual no livro *A verdadeira história dos três porquinhos* com a história tradicional “Os três porquinhos” é direto, pois, para o leitor conseguir entender a versão dos fatos relatadas por Alex T. Lobo, é necessário conhecer a história original, que oculta o nome do lobo. Por isso, os nomes dos porcos na versão apresentada por ele em seu diário podem ter sido ocultados. Com isso, o Lobo deixa de ser o antagonista feroz e bruto de vários contos de fadas e passa a ser o educado, gentil e adorável protagonista em sua versão.

O lobo costuma ser o vilão nos contos de fadas, mas, no livro “*A verdadeira história dos três porquinhos*”, busca dialogar com o leitor que essa fama não é justa. Durante a leitura desse livro, o leitor ainda pode identificar a intertextualidade com a história “*Chapeuzinho Vermelho*”, devido à foto de Alex T. Lobo vestido de vovó na parede e a manchete do jornal “*Chapeuzinho aceita acordo*”. Com isso, o leitor percebe que há bondade dos gestos, tendo em vista que, mesmo gripado, ele não se esqueceu do aniversário de sua querida e amada vovozinha. É importante destacar que “querida” e “amada” eram as formas que ele usava para se dirigir a ela. Essa forma é parecida com a que *Chapeuzinho Vermelho* utilizava para chamar a vovozinha na história original em que é devorada por um lobo. Ele utiliza, ainda, a frase “no tempo do era uma vez”, fazendo alusão aos começos dos contos de fadas, fazendo com que o leitor imagine a cena de um acontecimento.

Com isso, é possível perceber que o livro “*A verdadeira história dos três porquinhos*” é de grande riqueza e possibilita muitas discussões analíticas que envolvem, sobretudo, a construção da história, o papel das ilustrações e a intertextualidade. Dessa maneira, é possível dizer que, para que o leitor interprete essa obra, deverá ativar muitos conhecimentos prévios ligados à história tradicional e também relacionados ao universo dos contos de fadas de maneira ampla. Assim, constatamos que a narrativa é tecida pela reconstrução dos sentidos e pelo entrelaçamento entre o verbal e o não verbal.

4. Considerações finais

É possível afirmar, então, que o livro “*A verdadeira história dos três porquinhos*” é de extrema importância, pois permite estabelecer

conexões com outras obras literárias, causando uma interpretação mais ampliada do universo da Literatura Infantil com base na intertextualidade.

Essa leitura estimula o pensamento crítico, fazendo o leitor a olhar além do óbvio e questionar diferentes versões de uma mesma história. Após essa abordagem, o leitor conseguirá estabelecer um diálogo entre “A verdadeira história dos três porquinhos” e outras histórias por meio do material escrito e das ilustrações, que fazem com que o leitor seja capaz de reconhecer os fatos narrados por Alex T. Lobo, sendo capaz de julgá-lo como inocente ou culpado.

Durante a leitura, o imaginário do leitor é estimulado a recordar histórias que possuem o lobo mau como o vilão traçoeiro, a maioria dessas histórias buscam passar a mensagem de que não se deve falar com estranhos ou se deixar guiar por eles. Já no livro “A verdadeira história dos três porquinhos”, a mensagem que Alex T. Lobo busca passar na forma de defesa é que jamais se deve se deixar guiar apenas por uma verdade, todas as versões devem ser ouvidas e jamais julgar o próximo devido a estereótipos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTANHEIRA, Dennis. “Que história é essa?”: leitura e literatura infantil no ensino. In: SPAZIANI, L.; CAMARGO, P. G.; POZZA, R. H. F. F. (Org.). *Faces da leitura e da escrita: teorias & práticas*. São Paulo: Na Raíz, 2023. v. 4, p. 29-46

CHARRÉU, Leonardo. Arte visual contemporânea, ilustração e literatura para a infância: fazendo conexões entre mundos criativos. *Revista Digital do LAV*, p. 12-20, 2012.

CUNHA, Susana Vieira da. As imagens na Educação Infantil: uma abordagem a partir da cultura visual. *Revista Zero-a-Seis*, v. 1, p. 26-42, UFSC, Florianópolis, 2009.

DIAS, Ana Crelia; ANDRADE, Felipe; MONTEIRO, Luisa. Encruzilhadas da literatura na escola. *Traduzir-se*, v. 3, n. 4, p. 1-14, 2017.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1985.

SCIENZKA, Jon. *A verdadeira história dos três porquinhos*. Ilustrado por Lane Smith. Traduzido por Pedro Maia. Companhia das Letrinhas, 1991.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ZILBERMAN, Regina. Leituras brasileiras para crianças e jovens: entre o leitor, a escola e o mercado. *Gragoatá*, v. 19, p. 221-38, 2014.